

**ALGUMAS CARTAS DO JOVEM NIETZSCHE SOBRE RICHARD
WAGNER**

Tradutor de **Micael Rosa Silva**

micael.silva@ifpr.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-4578-2742>

Mestre em Filosofia pela UERJ, Doutor em Filosofia pela PUC-Rio, atualmente é Professor Adjunto de Filosofia da Educação do IFPR-Palmas e do PPG-FFP da UERJ.

DOI: [10.25244/tf.v14i2.3491](https://doi.org/10.25244/tf.v14i2.3491)

Recebido em: 1 de Outubro de 2021. Aprovado em: 14 de Julho de 2022

Caicó, ano 14, n. 2, 2021, p. 107-119
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v14i2.3491](https://doi.org/10.25244/tf.v14i2.3491)
Dossiê Nietzsche



APRESENTAÇÃO

Poucos encontros na história da filosofia foram tão intensos e profícuos quanto o de Nietzsche e Richard Wagner. Não há nenhum exagero em afirmar que a filosofia nietzschiana foi completamente marcada pela presença do compositor, primeiramente na forma de um lume que norteia e influencia decisivamente a construção de pensamento e posteriormente, na forma de um *antípoda* ao qual toda a então produção filosófica se consolida como graves críticas¹.

Foi em meados de 1866 quando Nietzsche, na época estudante de filologia da universidade de Leipzig, deslumbra-se com a música wagneriana, isso ao assistir as peças *Mestres Cantores* e *Tristão e Isolda*²; antes dessa ocasião Nietzsche tinha um olhar um tanto quanto reticente para a obra do já consagrado musicista³, entretanto, a partir dessa audição o *maestro* passa a ocupar o imaginário nietzschiano como fonte de inspiração, isto é, convertendo-se em uma espécie de base fundante para suas ideias. Assim sendo, essa inicial admiração estética acaba ganhando contornos filosóficos, principalmente quando Nietzsche reconhece nas composições de Wagner a contundente influência da filosofia schopenhauriana. Neste sentido, Schopenhauer passa a ser, no ponto de vista do pensamento, um elo entre a música wagneriana às especulações estético-filosóficas do jovem filólogo⁴.

Com isso em mente, apresentaremos a tradução de algumas correspondências que ilustram com clareza todo entusiasmo do jovem Nietzsche pela figura de Richard Wagner. Além de serem importantes documentos biográficos que revelam com detalhes a rotina de Nietzsche no período em que estudava em Leipzig e dos primeiros anos como docente na Basileia, as cartas selecionadas trazem também elementos filosóficos importantes que bem podem contribuir com aqueles que se interessam pelo pensamento nietzschiano, por exemplo, o nascimento embrionário de uma estética e filosofia da música, a compreensão crítica e nada ortodoxa da filologia oitocentista, a apropriação *sui generis* da filosofia de Schopenhauer, além é claro, de demonstrar como Nietzsche experimentava os apreços das amizades de uma forma tão vivaz que nós, hoje em dia, mal compreendemos.

Sabendo disso, a primeira carta que oferecemos nossa tradução, narra de forma bastante extrovertida e com muitos detalhes insólitos aquele que foi de fato o primeiro encontro entre

¹ Sobre as reverberações filosóficas dos encontros e desencontros entre Nietzsche e Wagner sugiro a leitura de ROSA SILVA, Micael. (2020). “O papel de Beethoven no pensamento estético-musical decorrente da relação Nietzsche-Wagner”. *Revista Limiar*, 7(13), 108–143.

² Sobre esta ocasião, Nietzsche escreve o seguinte ao amigo Erwin Rohde: “Esta tarde eu estive na [sala de concertos] Euterpe, quando começaram os seus concertos de inverno. Desfrutei-me com o prelúdio de *Tristão e Isolda*, bem como a *ouverture* de *Mestres cantores*. É impossível manter-me friamente crítico frente a essa música; toda fibra, todo nervo se estremece em mim, faz muito tempo que não sentia um êxtase tão duradouro quanto ao que se apoderou de mim ao escutar essa última *ouverture*”. KSB II 1866, 596.

³ Sobre essa inicial reticência, Nietzsche escreve em uma carta ao amigo Carl von Gersdorff: “Por outro lado, tenho acompanhado uma redução para piano da Walkiria de Rich. Wagner, de quem tenho sentimentos muito confusos, de modo que não ousa emitir sobre ele nenhum juízo. As grandes belezas e virtudes são igualmente equilibradas com as grandes feiuras e defeitos”. KSB II 1866, 523.

⁴ Sobre o deslumbre que Nietzsche tem por Wagner no campo intelectual, podemos verificar o seguinte excerto de uma carta ao amigo Paul Dussen: “Aliás, eu também descobri o verdadeiro santo da filologia, um filólogo real e autêntico, definitivamente um mártir (todos os estúpidos <historiadores> da literatura acreditam que têm o direito de urinar nele: isto é um martírio) Você sabe qual é o nome dele? Wagner, Wagner, Wagner! Oh, esse é um livro perigoso, o *Fausto* de Goethe!”. KSB II 1868, 588.

Nietzsche e seu ídolo, Richard Wagner. Trata-se da carta escrita em 9 de novembro de 1868 em Leipzig e endereçada ao bom amigo Erwin Rohde que se encontrava em Hamburgo.

Vale dizer que Erwin Rohde consagrou-se como um prestigiado filólogo alemão, autor da importante obra *Psyche* (1890 – 1894)⁵ e durante os anos de 1860 e 1870 foi o mais próximo interlocutor de Nietzsche. Os dois já se conheciam dos tempos de Bonn, onde nosso filósofo frequentou por um curto período a Faculdade de Teologia. Entretanto, foi apenas no verão de 1866 em Leipzig, depois de rotineiras tardes de conversa no café Kintschy, que o laço de amizade entre eles se estreitou definitivamente. Nietzsche admirava esse tímido jovem de “cabeça muito inteligente, teimosa e obstinada”⁶, “reconhecia nele não um extraordinário talento filosófico, todavia, uma grande abertura e flexibilidade espiritual que buscava ir sempre além da mera filologia”. Ambos pertenciam ao pequeno grupo de estimados alunos de Ritschl, professor por quem Nietzsche nutria enorme fascínio e que se converteu em seu grande mentor acadêmico⁷. Foi inclusive Ritschl que sugeriu a Nietzsche e a mais três estudantes que fundassem uma “associação filológica”, a qual permitiria a cada um desenvolver, de forma independente das obrigações universitárias, temas de pesquisas especiais e compartilhar o resultado com os colegas, submetendo-os à crítica dos mesmos. Tal “associação filológica”, da qual lemos menções nas cartas aqui traduzidas, inicia-se apenas com quatro membros e logo floresce para dezenas de associados, compondo aquele que foi o círculo mais próximo de amizade de Nietzsche do período de Leipzig, incluindo, é claro, Rohde⁸. A cumplicidade entre estes dois amigos foi por certo tempo tão grande que podemos aludir, como exemplo, o socorro que o companheiro presta a Nietzsche no angustiante período em que este é atacado pela publicação de *O Nascimento da tragédia*: em 1872, com o lançamento ao público de sua primeira obra, que se pretendia um tratado de filologia com ecos estético-filosóficos, Nietzsche é alvo de implacáveis críticas, sobretudo do jovem filólogo Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff. Naturalmente aflito, pede para que seu mentor o defenda publicamente, contudo, Ritschl o renega veementemente. Apenas Erwin Rohde aceita entrar no campo de batalha para defender as ideias recém-publicadas de seu amigo⁹.

Já a segunda tradução refere-se à parte final da epístola também endereçada a Erwin Rohde em Hamburgo, redigida em Leipzig no dia 9 de dezembro de 1868. Este excerto enfatiza a profunda veneração de Nietzsche pela estética, pela música, pela poesia e pelo caráter de Wagner, a quem agora já conhecia pessoalmente e com quem já estabelecia certo laço de proximidade. Enquanto a terceira e a quarta traduções são de correspondências de Nietzsche com o próprio compositor, sendo a primeira delas uma carta elaborada em 22 de maio de 1869 e a seguinte escrita em 10 de novembro de 1870, ambas encontraram Wagner em seu retiro nas montanhas de Tribschen, na Suíça, e enviadas da Basileia onde Nietzsche assumiu a cátedra de filologia.

⁵ ROHDE, Erwin. *Psyche: Seelenkult und Unsterblichkeitsglaube der Griechen*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2010. (Algo como *Psyche: o culto da alma e a crença na imortalidade dos gregos*).

⁶ Ver Carta de Nietzsche a Carl von Gersdorff em Feld do final de agosto de 1866. KSB II 1866, 517.

⁷ Em 4 de abril de 1867, Nietzsche escreve a seguinte afirmação em uma carta a seu amigo Paul Dussen: “Você não acredita o quanto estou pessoalmente acorrentado a Ritschl, de tal modo que não posso e nem quero libertar-me dele. Ademais, tenho sempre a triste sensação de que a sua vida não se prolongará por muito mais tempo; receio que chegue ao fim rapidamente. Você não faz ideia do quanto este homem cuida e trabalha para cada um que ele ama, como é solícito para os meus desejos, como ele é livre daquela arrogância repleta de poeira, típica de tantos estudiosos. [...] é a única pessoa da qual recebo críticas com prazer, pois todos os seus juízos são sensatos”. KSB II 1867, 539.

⁸ Sobre a relação entre Nietzsche e Ritschl e sua amizade com Erwin Rohde Cf. JANZ, Curt Paul, 2016, pp. 145 -183.

⁹ Sobre este interessante assunto ver MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a polémica de O Nascimento da tragédia: Textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Por fim, apresentamos a tradução de um peculiar rascunho de uma carta que seria enviada a Richard Wagner e sua esposa, Cosima, juntamente com o manuscrito de *Humano, demasiado humano*. O conteúdo deste esboço é repleto de metáforas e imagens enigmáticas que sugerem o derradeiro afastamento do filósofo de seu até então “veneradíssimo mestre”. Tal esboço, se comparado às reflexões nietzschianas contidas em *Ecce homo*, a sua autobiografia intelectual¹⁰, demonstra-nos que Nietzsche se decepcionou profundamente com os direcionamentos ascético e religiosos que o compositor de *Parsifal* atribuiu aos seus dramas e portanto, marca a radical decisão de erigir uma filosofia mais autêntica que se afasta por completo das influências de Wagner e Schopenhauer.

SOBRE A TRADUÇÃO

Todo o epistolário de Nietzsche que se conserva hoje está publicado em 18 volumes da edição crítica organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari e finalizada por Norbert Miller e Annemarie Pieper. Esta edição crítica é intitulada *Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe*¹¹ e convencionalmente abreviada como KGB. Estes 18 volumes são subdivididos em 25 *tomos* que contêm tanto a correspondência escrita por Nietzsche, quanto a correspondência enviada ao filósofo por seus familiares, amigos, editores, etc. Além dessa edição mais completa, existe outra versão, também organizada por G. Colli e M. Montinari em 8 volumes e publicada em 1986, chamada *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe* e abreviada como KSB¹², contendo apenas as cartas enviadas por Nietzsche. Essa segunda versão enumera as cartas em cada um dos 8 volumes.

Entrementes, as nossas traduções tiveram como fonte as cartas originais em alemão contidas na *Digitale Kritische Gesamtausgabe* (eKGWB), a versão digital da edição de referência publicada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari de todas as obras de Nietzsche, que por sua vez podem ser facilmente acessadas no sítio eletrônico <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>, cuja organização das cartas segue a numeração estabelecida na versão KSB, a mesma numeração que utilizamos nas citações aqui.

No que se refere ao estilo de nossa tradução, optamos por ser o mais literal quanto possível, ou seja, procuramos reproduzir, em certa medida, o equivalente em português das palavras empregadas por Nietzsche em alemão. Entretanto, em alguns momentos utilizamos uma estratégia mais livre, isto é, traduzimos a ideia presente no excerto com expressões mais correntes no português a fim de torná-las mais compreensíveis ao leitor brasileiro, esquivando-se assim um pouco dos termos originais em alemão, contudo, esforçamo-nos para exprimir a beleza estilística nietzschiana, ora com a informalidade de quem conversa com o amigo, ora solene, quando se corresponde com o venerado mestre.

¹⁰ Sobre a profunda decepção de Nietzsche com o que se tornou a obra de Richard Wagner, cujo estopim foi a abertura do primeiro Festival de Bayreuth [*Bayreuther Festspiele*] ocasião da estreia da ópera *O Anel do Nibelungo* [*Der Ring des Nibelungen*], ver NIETZSCHE. *Ecce homo*, “Humano, demasiado humano”, §1 a §6.

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe*. Berlim e Nova York: Walter de Gruyter, 1975 – 2004.

¹² NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 1986 (KSB).

SIGNOS UTILIZADOS

< > Palavra ou complemento de palavra incluída pelos editores.

[+] Lacuna de alguma palavra no manuscrito.

[+ + +] Lacuna inteira no manuscrito.

KSB II, 599. Carta de Nietzsche a Erwin Rohde em Hamburgo, (Leipzig, 9 de novembro de 1868).

Meu querido amigo,

Hoje pretendo te contar uma série de coisas divertidas, olhar com alegria para o futuro e adotar uma atitude tão confortavelmente idílica que seu espírito maligno, essa febre gatuna, vai se curvar e fugir de raiva. E para evitar qualquer dissonância, quero falar da conhecida *res severa* que motivou a segunda carta em uma folha separada, que depois poderá ler no momento oportuno e em local adequado. Os atos da minha comédia se intitulam: 1. Um clube noturno ou o professor auxiliar; 2. O alfaiate expulso; 3. Um encontro com +. Algumas mulheres mais velhas participam da apresentação.

Na tardezinha de quinta-feira, Romundt¹³ seduziu-me para ir ao teatro, pelo qual meus sentimentos se tornaram muito frios: queríamos ver uma peça de nosso futuro diretor Heinrich Laube¹⁴, e nos sentamos como deuses entronizados no Olimpo para julgar uma obra chamada *Conde Essex*¹⁵. Claro que repreendi meu sedutor que se referiu aos sentimentos de sua infância de quando tinha dez anos, e me senti feliz por poder sair de uma sala em que não se encontrava nem sequer ΓΛΑΥΚΙΔΙΟΝ¹⁶, tal como demonstrou uma busca microscópica que fizemos por todos os cantos do teatro.

Em casa encontrei duas cartas, a sua e um convite do Curtius¹⁷, a quem agora tenho o prazer de conhecer melhor. Aliás, quando dois amigos como nós se escrevem, os anjinhos, como bem se sabe, ficam muito felizes; e então eles ficaram exultantes de alegria quando li sua carta, eu acho até que eles riram alto, às gargalhadas.

Na manhã seguinte saí festivamente para agradecer a Curtia¹⁸ pelo convite, pois infelizmente não pude aceitá-lo. Eu não sei se você conhece esta senhora, gostei muito dela e de seu esposo e surgiu uma alegria indestrutível entre o casal e eu. Com esse estado de espírito fui ver o meu *editor-chefe*,

¹³ Heinrich Romundt (1845–1919) era membro da associação filológica (*Philologisches Verein zu Leipzig*) desde 1866 e tornou-se amigo de Rohde e Nietzsche.

¹⁴ Heinrich Laube (1808 – 1884) foi um dramaturgo, novelista e tornou-se diretor do Teatro Municipal em 1869. Suas peças nunca chamaram a atenção, diferentemente de sua proeminente atuação no palco.

¹⁵ Drama de Heinrich Laube.

¹⁶ Γλαυκιδιον (corujinha), é assim que Nietzsche e Rohde chamavam Susanne Klemm, jovem atriz do Teatro Municipal de Leipzig, de quem eles eram admiradores fervorosos desde 1867, inclusive compraram um cartão com sua foto para afixá-lo na parede de seu apartamento.

¹⁷ Georg Curtius (1820 – 1885) era professor de Filologia clássica em Leipzig.

¹⁸ Nietzsche brincava com os sobrenomes, transformando-os em feminino, para chamar as esposas. Assim, por exemplo, chamava a mulher de Ritschl de “die Ritschlin”, “Curtia” é Amalie, a mulher de Georg Curtius.

Zarncke que me deu uma recepção calorosa, em seguida combinei com ele qual seria a minha atividade na revista – meu escopo de avaliações agora inclui, dentre outras coisas, quase toda a filosofia grega, com exceção de Aristóteles, que pertence a Torstrik, e outra parte da qual se ocupa meu antigo professor Heinze (conselheiro da corte e preceptor dos príncipes de Oldenburg). Por um acaso, você leu minha resenha do *Symposiaca Anacreontea* de Rose? Em breve será a vez do meu homônimo que se tornou um cavaleiro de *Eudoxia* – entediando a senhora e entediando o cavaleiro!

Quando cheguei em casa encontrei sua segunda carta, fiquei indignado e resolvi fazer um ataque.

À noite celebrava-se em nossa associação filológica, a primeira palestra marcada para este semestre: pediram-me, muito educadamente, para que assumisse a comunicação. Eu, que necessito de oportunidades para me exercitar com as armas acadêmicas, fiquei imediatamente pronto e quando entrei no Zaspel¹⁹, tive o prazer de me deparar com uma massa negra de 40 ouvintes. Eu havia encarregado Romundt que escutara cuidadosamente minha conferência, para que depois me dissesse os efeitos causados pelo lado teatral de minha palestra, ou seja, voz, estilo, atitude. Falei com bastante liberdade, apenas com a ajuda de uma nota mínima, a respeito das sátiras varronianas e do cínico Menipo: e olha, tudo foi *καλὰ λίαν*²⁰. Essa carreira acadêmica vai ficar bem!

Agora devo mencionar aqui que pretendo, antes de que chegue a páscoa, terminar com todas as dificuldades da habilitação e, ao mesmo tempo, aproveitar esta ocasião para fazer o meu doutorado. Isso bem pode ser, apenas preciso de uma dispensa especial na medida em que ainda não tenho concluído o quinquênio habitual²¹. Bem, é claro que se habilitar e ensinar são duas coisas distintas: mas, parece-me bastante apropriado, uma vez que tenha as mãos livres, viajar pelo mundo uma última vez antes que assumo um cargo oficial! Ah, querido amigo, será como o sentimento de um noivo, humor que mescla alegria e raiva, *γένος σπουδογέλοιον*²², Menipo!

Consciente de ter aproveitado bem o dia, fui para a cama refletindo sobre a cena familiar representada na casa de Ritschl: como aquela que também seria encenada no dia seguinte ao meio-dia.

Quando retornei para minha casa, encontrei uma nota endereçada a mim com um pequeno bilhete: Se você quer conhecer Richard Wagner, venha ao *Café théâtre* às 3:45h. Windisch²³.

Essa notícia confundiu um pouco minha mente, me perdoe! De modo que esqueci completamente a cena que acabava de vivenciar e entrei em uma espécie de turbilhão.

Claro que corri para lá, e encontrei o nosso honesto amigo que me deu novas informações. Wagner estava no mais estrito incógnito, na casa de seus parentes em Leipzig: a imprensa não tinha nenhuma suspeita, e todos os serviços dos Brockhausen estavam mudos como túmulos uniformizados. Já a irmã de Wagner²⁴, a esposa do professor Brockhaus, mulher experta e consciente também havia apresentado ao irmão a sua boa amiga, Sra. Ritschl: por isso ela tinha o orgulho de se gabar para o irmão de sua amiga e, para a amiga, de seu irmão, feliz criatura! Wagner tocou o *lied* de *Mestres* na presença de Frau Ritschl, aquela que você também conhece: e a boa mulher lhe disse que esta *canção* lhe era muito familiar, *mea opera*. A alegria e o estupor de Wagner que expressou a decidida vontade de me conhecer. Eu deveria ser convidado na sexta-feira à tarde,

¹⁹ Café de Leipzig

²⁰ Expressão que significa “muito belo”. Ver Gênesis 1:31.

²¹ Nietzsche tem em mente a regra que diz que quem for aprovado no exame de doutorado, deve decorrer cinco anos após a sua matrícula para ter acesso à habilitação.

²² Uma composição formada por *spoudaion*, “sério” e *geloion* “sorriso”, transmite a ideia de algo que seja sério e cômico ao mesmo tempo, refere-se portanto ao artifício literário sério-cômico utilizado nas comédias e pelos cínicos.

²³ Ernst Windisch, estudante de filologia e colega de Nietzsche, compunha seu círculo de amigos em Leipzig.

²⁴ Ottilie Brockhaus, irmã de Wagner, casada com o orientalista e autoridade nos idiomas sânscrito e persa, Hermann Brockhaus.

contudo, Windisch explicou que estaria impedido por meus compromissos, meus deveres e minha profissão. Então, propuseram sábado à tarde. Assim, Windisch e eu fomos até lá e encontramos a família do professor, contudo, não a Richard, que havia saído com um chapéu enorme sobre a sua grande cabeça. Foi, neste contexto, que conheci esta extraordinária família e recebi um amável convite para a tarde de domingo.

Meu estado de ânimo estava nestes dias algo realmente romanesco; admito que os preliminares da apresentação desse conhecido, dada a grande inacessibilidade do excêntrico personagem, beirava a um conto de fadas.

Pensando que seria uma grande festa com muitos convidados, decidi ir muito bem vestido e fiquei feliz porque meu alfaiate havia prometido que um terno de baile estaria pronto para mim no domingo. Fazia um dia terrível de chuva e neve, dava até medo de sair à rua, então fiquei muito alegre quando Roscher²⁵ me visitou de tarde; ele me contou algo a respeito dos eleatas e sobre a ideia de Deus na filosofia – pois ele está trabalhando como *candidandus* no tema proposto por Ahrens²⁶: “Desenvolvimento do conceito de Deus até Aristóteles”, enquanto que Romundt procura conseguir a premiação da Universidade com o tema “Sobre a vontade” –. Estava escurecendo, o alfaiate não chegava e Roscher foi embora. Acompanhei-lhe e fui pessoalmente ver o alfaiate, quando encontrei os subalternos muito ocupados com o meu traje: prometeram mandá-lo dentro de 45 minutos. Fui embora satisfeito, ainda passei no Kintschy, li o *Kladderadatsch*²⁷ e encontrei com prazer uma nota de jornal dizendo que Wagner encontrava-se na Suíça, mas que uma bela casa estava sendo construída para ele em Munique. Embora eu soubesse que o veria esta noite e que ontem chegara a ele uma carta do pequeno rei²⁸ com a seguinte dedicatória: “ao grande poeta musical alemão, Richard Wagner”.

Em casa, não encontrei nenhum alfaiate, então continuei lendo calmamente a dissertação sobre a Eudóxia, e só era interrompido de vez em quando pelos sons estridentes que vinham de longe. Por fim, tive a certeza de que alguém estava esperando no antigo portão de ferro: estava trancado, assim como a porta da frente. Gritei através do jardim para que o homem entrasse pela Naundörfchen²⁹: impossível se fazer entender com o barulho da chuva. A casa estava um alvoroço, finalmente o portão foi aberto e um velho veio até mim com um pacote. Eram seis e meia; hora de vestir a roupa e ir ao *toilette*, pois moro muito longe. Tudo certo, o homem está com minhas roupas, eu experimento-as, elas servem. Virada suspeita! Ele me apresenta a conta. Aceito educadamente: ele quer ser pago assim que o traje for recebido. Estou pasmo e lhe explico que não tenho nada a ver com ele enquanto trabalhador de meu alfaiate, apenas com o próprio alfaiate, a quem fiz a encomenda. O homem insiste, o tempo fica em cima da hora; pego o terno e começo a vesti-lo, o homem segura e me impede de fazê-lo. Violência da minha parte, violência da dele! Cena. Eu luto apenas de camisa, porque quero vestir minha calça nova.

Finalmente um esforço de dignidade, uma ameaça solene, uma maldição sobre meu alfaiate e seu assistente, um juramento de vingança: durante esse tempo o homenzinho vai embora com o meu traje. Fim do segundo ato: eu fico pensando no sofá com minha camisa e olho para um traje preto, pensando se ele será bom o suficiente para Richard.

- A chuva está caindo lá fora. –

²⁵ Wilhelm Heinrich Roscher (1845 – 1923) foi um erudito clássico alemão. Ele se especializou em estudos de mitologia grega e romana. Também era membro da associação filológica de Neitzsche.

²⁶ Franz Heinrich Ludolf Ahrens (1809-1881), diretor do Instituto de bacharelado e deputado por Hannover. Escreveu sobre os dialetos homéricos e áticos.

²⁷ Periódico humorístico.

²⁸ Luis II de Baviera.

²⁹ Rua estreita que passa atrás da casa de Nietzsche.

São sete e quinze: marquei um encontro com Windisch às sete e meia, nos encontraremos no café do teatro. Saio furioso na noite negra e chuvosa, um homenzinho também de negro, sem fraque, mas em um estado romanesco de excitação: a sorte me é favorável, até a cena da alfaiataria tem algo incrivelmente incomum.

Chegamos ao aconchegante salão de Brockhaus: não há lá ninguém a não ser a família próxima, Richard e nós dois. Sou apresentado a Richard e dirijo-lhe algumas palavras de admiração: ele me pergunta como exatamente familiarizei com sua música, xinga terrivelmente todas as apresentações de suas óperas, com exceção das famosas de Munique, e zomba dos diretores que, com suave tom, interpelam sua orquestra dizendo: “Senhores, agora apaixonadamente”, “Meus queridos amigos, ainda um pouco mais apaixonadamente!”. W. se diverte imitando o dialeto de Leipzig. —

— Agora vou te contar resumidamente o que esta noite nos ofereceu: emoções verdadeiramente prazerosas, e de um sabor peculiarmente tão picante que ainda hoje estou dominado por elas e não consigo voltar à antiga rotina, de modo que não posso fazer nada melhor do que falar com você, meu querido amigo, e anunciar uma “novidade maravilhosa”. Antes e depois do jantar, Wagner tocou todas as partes importantes de *Mestres cantores* imitando todas as vozes de forma desinibida. Ele é um homem fabulosamente vivo e ardente que fala muito depressa, é muito engraçado e consegue alegrar completamente um encontro privado como aquele. Nesse ínterim, tive uma longa conversa com ele sobre Schopenhauer: Ah! Você entende como foi um prazer ouvi-lo falar sobre isso com um calor indescritível, pelo que também ficou agradecido, pois considera que Schopenhauer foi o único filósofo que compreendeu a essência da música; então ele quis saber como os professores de agora se comportam em relação a ele, riu muito do Congresso de Filósofos em Praga³⁰ e falou dos “filósofos vassalos”. Depois, ele leu um trecho de sua biografia que aliás está escrevendo neste momento, uma cena extremamente encantadora de sua vida de estudante em Leipzig, na qual não consigo pensar agora sem ter um ataque de riso. A propósito, ele escreve de forma extraordinariamente hábil e espirituosa. — No final, quando estávamos ambos nos preparando para ir embora, ele me deu um abraço caloroso e muito gentilmente, me convidou para visitá-lo, tratar de música e filosofia. Ele também me encarregou de apresentar música para sua irmã e seus familiares, o que aceitei solenemente. — Você ouvirá mais quando eu tiver uma visão um pouco mais objetiva e distante dos acontecimentos desta noite. Por hoje um afetuoso adeus e os melhores desejos para sua boa saúde.

F. N.

*Res severa! Res severa! Res severa!*³¹

Meu querido amigo, peço que entre em contato com o doutor Klette³² em Bonn e (sem mais formalidades e explicações) solicite que devolva o manuscrito. Pelo menos é assim que eu agiria.

A falta de tato de Ritschl é muito grande: e ficou evidente na conversa que ocorreu: tanto é que eu falei com ele um pouco friamente, o que o chocou fortemente.

É verdade que neste momento o *Museu Rheinisches* está sobrecarregado: e isso pode se ver no último número deste ano que saiu com mais 4 folhas em relação ao número habitual de páginas.

³⁰ Celebrado de 20 de setembro a 4 de outubro.

³¹ Esta é a segunda carta em uma folha separada que Nietzsche comenta no começo.

³² Anton Klette (1834-1886), filólogo e arquivista da Biblioteca de Bonn até 1870. Foi editor junto com Ritschl da revista *Rheinisches Museum für Philologie*.

É compreensível que ele ainda esteja pessoalmente chateado com essa história. Fui eu que, com a melhor intenção e com o espírito mais amigável, propus-me a confiar o seu manuscrito ao *Museum Rheimisches*: pensei que estava a fazer algo muito cordial com isso. Fico especialmente irritado quando penso sobre o propósito para o qual seu belo trabalho foi originalmente planejado.

Se você quer se vingar, mande o escrito para *Hermes*; no entanto, eu mesmo não sou amigo de uma vingança desse tipo. Nessas circunstâncias, não se pode falar de *Philologus*, e com os *Jahrbücher*³³ de Fleckeisens. Estamos na mesma situação com o *Rheimisches Museum*.

Portanto, caro amigo, você tem que encontrar um editor (e se me permite te aconselhar, publique o *Övoç* ao mesmo tempo, de acordo com a relação que você reconheceu entre os manuscritos). Naturalmente é muito melhor que você procure um editor em Hamburgo: do contrário, acredite em mim, procurarei com zelo para ver se encontro um editor nobre, caso você precise.

De todo modo, o assunto tem que ser solucionado rapidamente, pois, o manuscrito de 3 – 4 folhas tem que ser impresso dentro de um mês. –

Se você não tem tanta pressa, talvez um pequeno plano possa ser arranjado entre nós dois: fazemos um livro juntos, intitulado “Contribuições à História da Literatura Grega”, no qual combinamos artigos mais extensos (por exemplo, o meu sobre a atividade literária de Demócrito, sobre o *ἄγων* de Homero e Hesíodo, sobre o cínico Menipo), e também adicionar um certo número de miscelâneas.

O que você pensa sobre isso?

Com a mais leal amizade e simpatia
in rebus secundis et adversis
o idílico de Leipzig

Parte final da Carta KSB II, 604. A Erwin Rohde em Hamburgo, (Leipzig, 9 de dezembro de 1868).

(...)

Cada uma de suas cartas me prova que é realmente uma pena todos os bons momentos que *não* passamos juntos, por exemplo, este inverno que de fato me oferece todos os tipos de estímulos e passatempos divertidos no estilo de Leipzig, mas que me tem negado o contato direto e diário com alguém que tenha a minha mesma visão de mundo: eu teria que mencionar o bom Romundt, que certamente agradaria a você também, ao contrário de algumas mentes tão vulgares, mas eruditas que orgulhosamente consideram com condescendência este estranho misto de discernimento, de vontade e incapacidade, que tem o nome de Romundt. — Ficou claro para mim novamente, graças a uma coincidência realmente divertida, o quanto nós dois percorremos o mesmo caminho; pois, exatamente ao mesmo tempo, nos ocupávamos do romantismo e aspirávamos avidamente os odores familiares e afins, sem que nenhum soubesse da ocupação insólita do outro. Chamar algo assim de mero acaso seria um pecado contra o espírito sacro de Schopenhauer. Depois deste caso e depois de todas as semelhanças surpreendentes entre suas cartas, que sempre aprecio com um coração agradecido e enorme prazer, e minha atual linha de pensamento, tenho a firme convicção de que vamos nos entender completamente sobre um gênio, que parecia para mim como um

³³ *Jahrbücher für classische Philologie*, editados por Alfred Fleckeisen.

problema insolúvel e que ano após ano, fiz renovado esforço para entendê-lo: esse gênio é Richard Wagner. Este é agora o segundo exemplo de como nós criamos nossos próprios ídolos, quase despreocupados com a opinião dominante que é especialmente válida entre os eruditos; e esta é a segunda vez que se dá este passo com mais certeza e confiança em si mesmo.

Wagner, tal e como o conheço agora, por sua música, sua poesia, sua estética e em grande parte por aqueles momentos felizes em que convivi com ele, é a expressão mais viva do que Schopenhauer chama de gênio³⁴: de fato, salta aos olhos a semelhança em cada uma de suas características. Ah, como eu gostaria de poder te contar, em uma noite aconchegante, sobre os muitos pequenos detalhes que sei sobre ele, a maioria deles por meio de sua irmã! Quem me dera pudéssemos ler juntos os poemas (que Romundt valoriza tanto, ele considera RW de longe o primeiro poeta da geração, aliás, Wagner me disse que Schopenhauer também tinha uma opinião muito boa sobre eles), poderíamos caminhar juntos ao longo do arrojado e certamente vertiginoso percurso de sua estética destrutiva e construtiva, poderíamos finalmente deixar-nos arrastar pelo arrebatamento emocional de sua música, por este mar de sons schopenhaurianos, cujas ondas mais secretas sinto bater em mim, de tal modo que escutar a música wagneriana é uma intuição jubilosa, sim, uma assombrosa descoberta de mim mesmo.

Mas desfrutar de tudo isso, com um amigo como você, é para mim realmente uma necessidade ardente, de tal modo que penso com ansiedade no momento em que voltaremos a nos encontrar. Que não tarde muito!

Com leal amizade,
teu Friedrich Nietzsche

KGB III, 4. Carta de Nietzsche a Richard Wagner em Tribschen, (Basileia, 22 de maio de 1869)³⁵

Caro senhor,

Há quanto tempo tenho a intenção de exprimir, sem hesitação, o grau de gratidão que sinto por ti; uma vez que de fato os melhores e mais elevados momentos da minha vida estão ligados ao teu nome, e conheço apenas um outro homem, o teu grande irmão espiritual Arthur Schopenhauer, a quem penso com igual veneração, sim, *religione quadam*. Estou feliz por poder fazer-lhe esta confissão em um dia festivo³⁶, e não o faço sem um sentimento de orgulho. Pois se o destino do gênio é ser durante certo tempo apenas *paucorum hominum*, então estes *pauci* podem muito bem sentir-se notavelmente afortunados e distintos, porque é-lhes concedido ver a luz e aquecer-se nela, enquanto as massas ainda estão em pé no frio e gélido nevoeiro. Entretanto, a estes poucos o gozo do gênio não lhes recai tão facilmente, pelo contrário, eles têm de lutar vigorosamente contra os preconceitos onnipotentes e as suas próprias inclinações opostas; isso de tal modo, que se a luta for felizmente concluída, tenham finalmente uma espécie de direito de conquista sobre o gênio.

³⁴ Cf. SCHOPENHAUER. *O Mundo como vontade e representação*. I, §36; II, cap. 31.

³⁵ Resposta ao convite enviado por Cosima von Bülow a Nietzsche em 20 de maio de 1869 para comparecer na celebração de aniversário de Richard Wagner.

³⁶ 22 de maio, aniversário de Richard Wagner.

Ora, me atrevi a incluir-me entre esses *pauci*, depois de perceber o quanto quase todo mundo com quem nos relacionamos são incapazes de captar a sua personalidade como um todo, de sentir a corrente unitária profundamente ética que percorre através de sua vida, escrita e música; em suma, de perceber a atmosfera de uma visão de mundo mais séria e cheia de alma, visão que nós, pobres alemães, perdemos da noite para o dia por conta de todo tipo de miséria política possíveis, pelos disparates filosóficos e por um Judaísmo tão predominante. Agradeço a você e a Schopenhauer se até agora me agarrarei à seriedade vital germânica, a uma consideração mais profunda desta existência tão enigmática e grave.

Quantos problemas puramente científicos foram me explicando aos poucos, atentando para sua personalidade solitária e singular, é claro que eu preferiria dizer-lhe pessoalmente, pois não gostaria de ter que *escrever* tudo o que acabei de lhe escrever. Quão feliz eu estaria se pudesse comparecer hoje em seu retiro na montanha à beira do lago, se a cansativa cadeia de minha profissão não tivesse me prendido em minha casinha de cachorro na Basileia.

Por fim, eu gostaria de pedir para que prestes meus respeitos à Baronesa von Bülow³⁷ e que me permita assinar

como o seu mais fiel e devoto
adepto e admirador

Dr.
Nietzsche
Prof. na Basileia

**KGB III, 108. Carta de Nietzsche a Richard Wagner em Tribtschen,
(Basileia, 10 novembro, dia de Lutero, 1870)**

Veneradíssimo Mestre,

No primeiro assalto do novo semestre que desta vez, após minha longa ausência, é particularmente intenso, nada poderia ter sido mais revigorante do que me enviar seu “Beethoven”³⁸. Quão importante tem sido para mim conhecer sua filosofia da música – e isso significa: conhecer a filosofia da música enquanto tal, inclusive eu poderia deixar particularmente claro em um ensaio que para mim escrevi neste verão, intitulado “A visão dionisíaca de mundo”. De fato, através deste estudo preliminar, consegui compreender completamente e com profundo prazer a necessidade de sua argumentação, por mais remoto que seja o círculo de ideias, por mais surpreendente e espantoso que seja tudo, e especialmente a exposição da autêntica *realização* de Beethoven. Porém, temo que hoje em dia você pareça aos estetas um noctâmbulo, a quem é desaconselhável, na verdade perigoso e, acima de tudo, impossível de se seguir. Mesmo os conhecedores da filosofia schopenhauriana serão, na sua maioria, incapazes de traduzir para si, em conceitos e sentimento, a profunda harmonia entre os seus pensamentos e os de seu mestre. E assim é seu escrito, como diz Aristóteles sobre seus textos esotéricos, são ao mesmo tempo “publicáveis e não publicáveis”.

³⁷ Cosima Liszt era casada com o compositor e virtuoso pianista Hans von Bülow (1830 – 1894), de quem se separou para viver com Wagner. Eles consumaram o matrimônio em 25 de agosto de 1870.

³⁸ WAGNER, Richard. *Beethoven*. Trad. Anna Hartmann Cavalcanti. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Creio que neste caso seguir-vos-ão como pensador somente aqueles a quem, em primeiro lugar, se tenha revelado o significado sobre todo o “Tristão”.

É por isso que considero a real compreensão de sua filosofia da música como um bem precioso de uma ordem, que por enquanto só pode ser desfrutado por muito poucos. —

No manuscrito, tem algumas letras que precisam ser definidas duas vezes e ocasionalmente são escritas apenas uma vez, por exemplo, em “*appellieren, Apperception, supplieren*”, o que deve ser notado pelo tipógrafo. —

[+ + +]

Seu agradecido e fiel
Friedrich Nietzsche

KSB V, 676. Esboço de uma carta de Nietzsche a Richard e Cosima Wagner em Bayreuth, (Basileia, começo de 1878)³⁹

R<ichard> W<agner> S<ra.>

Ao enviá-lo – confio meu segredo em suas mãos e o de seu nobre consorte, e suponho que a partir de agora será também seu o segredo. Este livro é meu: nele trouxe à luz os meus mais íntimos sentimentos sobre coisas humanas e, pela primeira vez, delimito contornos na periferia de meu próprio pensamento. Em tempos cheios de paroxismos e angústias, este livro foi meu consolo, aquele que não falhou, quando todos os outros meios de consolação falharam. Talvez eu ainda esteja vivo porque consegui escrevê-lo.

Era necessário escolher um pseudônimo⁴⁰, primeiro porque eu não gostaria de perturbar os efeitos dos meus escritos anteriores; e segundo, porque eu quero impedir com isso a ofensa pública e privada da dignidade da minha pessoa (já que minha saúde *não* suportaria *mais* isso); e por fim, especialmente, porque eu queria possibilitar uma *discussão objetiva*, na qual meus mais inteligentes amigos também possam participar, sem que um sentimento de carinho atrapalhe como antes. Ninguém quer falar ou escrever *contra o meu nome*. Mas eu sei que nenhum deles têm os pontos de vista que *este* livro sustenta, no entanto, eu estou muito ansioso para conhecer os contra-argumentos que podem ser apresentados neste caso.

³⁹ Não sabemos se a carta original, da qual traduzimos o esboço, foi enviada aos Wagner, nem mesmo se ela foi sequer redigida posteriormente. Sabemos que a intenção da carta era de ser enviada juntamente como um exemplar de *Humano, demasiado humano*, o que de fato foi enviado como nos confirma Nietzsche em *Ecce homo*: “Quando finalmente me chegou às mãos o livro acabado (...), enviei dois exemplares também para Bayreuth. Por um milagre de sentido no acaso, chegava-me simultaneamente um belo exemplar do texto do *Parsifal*, com dedicatória de Wagner a mim, “a meu caro amigo Friedrich Nietzsche, Richard Wagner, conselheiro eclesiástico”. — Esse cruzamento dos dois livros — a mim me pareceu ouvir nele um ruído ominoso. Não soava como se duas espadas se cruzassem?... De qualquer modo nós o sentimos ambos assim: pois ambos silenciámos”. (NIETZSCHE, 2008, §5, p. 73).

⁴⁰ Nietzsche teria a intenção de publicar *Humano, demasiado humano* sob um pseudônimo. Seu editor, Schmeitzner o desencorajou temendo um fracasso editorial. O pseudônimo que Nietzsche teria em mente provavelmente era Eduard Leuchtenberg Roon, Cf. *Fragmento póstumo* de 1876, 21[39].

Sinto-me como um oficial que invadiu um posto inimigo. Ferido com certeza – mas agora está *por cima* e – estende a sua bandeira. Sentindo mais felicidade do que dor, muito mais, não importa o quão terrível seja o espetáculo ao redor.

Embora, como disse, não conheço ninguém ainda que seja companheiro de meu pensamento, tenho, no entanto, a presunção de ter pensado não como indivíduo, mas como um coletivo – é uma sensação muito estranha de solidão e pluralidade. – Um arauto cavalgou à frente, mas não sabe ao certo se a cavalaria o segue ou sequer se existe.

REFERÊNCIAS

JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche uma Biografia. Volume I: Infância, juventude os anos em Basileia.** Trad. Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a polêmica de O Nascimento da tragédia: Textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe (KGB).** Berlim e Nova York: Walter de Gruyter, 1975 – 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe.** Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari (KSB). Berlin-New York: Walter de Gruyter, 1986.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe.** Org. Giorgio Colli e Mazzimo Montinari. Gruyter & Co.: Berlin; New Yorke, 1967/77. Disponível em <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>, acesso 15/10/2021.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como vontade e representação.** Trad. M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

WAGNER, Richard. **Beethoven.** Trad. Anna Hartmann Cavalcanti. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.